

Lute como uma educadora.

Algumas pessoas perguntam: ‘Por que a palavra feminista? Por que não só dizer que você acredita nos direitos humanos ou algo assim?’ Porque isso seria um jeito de fingir que não são as mulheres que têm, por séculos, sido excluídas. Isso seria uma forma de negar que os problemas de gênero afetam as mulheres.”

Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana



Pág. 02

Por uma escola feminista!



Pág. 03

Do conceito às conquistas; afinal, o que é feminismo?



Pág. 04

Ocupar a política: ano eleitoral é oportunidade de avançar na representatividade



Pág. 05

Mulheres negras na educação: representatividade importa!



Pág. 06

Me chame pelo meu nome

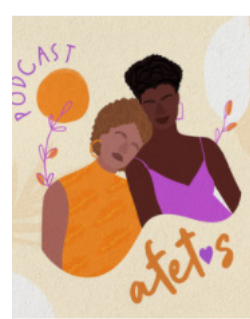


Pág. 07

É pela vida das mulheres!

Debatendo o feminismo

Pág. 08



Por uma escola feminista!



Foto: Juliana Guariza

Você já percebeu que educadoras - professoras e funcionárias de escola - recebem menos que outros(as) servidores(as) e profissionais com a mesma formação? Não é apenas uma coincidência que isso ocorra com uma categoria majoritariamente feminina. A desigualdade de gênero é estrutural, possui raízes históricas e é legitimada pela violência institucional. E é também a partir da escola que fazemos a transformação.

Mas há um longo caminho a percorrer, pois dentro da escola também há desigualdade de gênero. De acordo com o Censo Escolar, educadores homens ganham, em média, 25% a mais que as colegas mulheres. “Somos nós, mulheres educadoras, que temos o papel fundamental dentro das escolas, a partir do nosso lugar de fala, de estarmos em constante movimento para desmistificar o patriarcado. Professoras e funcionárias de escola, essa luta é por todas nós”, afirma Margleyse dos Santos, secretária da Mulher Trabalhadora e dos Direitos LGTBI+ da APP.

Leia a matéria na íntegra!

CLIQUE AQUI

Do conceito às conquistas; afinal, o que é feminismo?



Foto: Ricardo Stuckert

O feminismo é sobre o direito à vida das mulheres. É sobre sermos respeitadas no nosso local de trabalho. É sobre poder emitir opiniões sem medo; ter segurança em casa, ao andar na rua ou no transporte coletivo. É nos sentirmos protegidas - e não vulneráveis - quando procuramos um atendimento de saúde, uma delegacia ou outros serviços. É sobre o nosso direito de sermos vistas como protagonistas, como cidadãs com direitos em todos os ambientes e situações.

É sobre nossas lutas, nossos espaços, sobre os múltiplos gritos pela igualdade. Feminismo é sinônimo de sermos respeitadas. Lutamos por TODAS as mulheres, seja a da periferia, a professora, a vereadora, a engenheira, a vendedora com emprego informal, a desempregada, a mãe, a filha ou a concursada. Lutamos pelas negras, pelas pardas e pelas brancas. Lutamos pelas transsexuais, pois todas e todos se beneficiam quando há igualdade.

A luta feminista não é recente e sempre andou lado a lado a conquistas de direitos como o voto, poder tirar carteira de habilitação e até ter um CPF, por exemplo.

Leia a matéria na íntegra!

CLIQUE AQUI

Ocupar a política: ano eleitoral é oportunidade de avançar na representatividade

As mulheres podem e devem ser o que quiserem, esse é o foco do feminismo. Para tanto, ocupar a política e ter voz e vez nos espaços de tomada de decisão é fundamental. Só assim haverá um efetivo protagonismo das mulheres no processo de transformação social. Infelizmente, a realidade atual é de imenso desequilíbrio. Mulheres compõem mais da metade da população brasileira, mas ocupam uma pequena parcela dos cargos decisórios.

Ao mesmo tempo, as mulheres são afetadas diretamente por leis e políticas que, por exemplo, não respeitam sua escolha de ser ou não mães, ao passo que lhes retiram a possibilidade de exercer com dignidade a maternidade, entre tantas outras barreiras que tornam a participação política das mulheres tão difícil. A sub-representação se agrava quando se trata de mulheres negras e indígenas. Ainda há muito a avançar para efetivar uma sociedade verdadeiramente democrática e ver a diversidade da nossa população representada nos espaços de poder.

**Câmara Municipal
de Curitiba**

21% de vereadoras mulheres

Mulheres ocupam apenas 8 das 38 cadeiras.

**Assembleia
Estadual**

9% de deputadas estaduais
mulheres

Mulheres ocupam apenas 5 das 54 cadeiras.

**Câmara dos
Deputados**

13% de deputadas federais
mulheres

Mulheres ocupam 4 das 30 cadeiras.

Senado

Nenhuma senadora
mulher

As três cadeiras são ocupadas por homens.

Leia a matéria na íntegra!

CLIQUE AQUI

Mulheres negras na educação: representatividade importa!



Foto: Santiago Romero | Mídia Ninja

Falar de maneira incessante sobre as desigualdades é uma das formas de trazer preconceitos à tona e, assim, pensar nas políticas públicas e nas ações individuais a fim de minimizar o racismo e o sexismo. Quantas mulheres e meninas negras estão hoje ao seu redor?

Uma olhada rápida pelas salas de aulas mostra que a população negra vai, gradativamente, deixando de ocupar assentos à medida que as séries avançam. No Brasil, 96% das crianças negras frequentam a educação básica (taxa muito semelhante à população branca na mesma faixa etária, que é de 96,5%). Mas é na universidade que acontece a grande virada: apenas 18% dos(as) negros(as) frequentam a universidade, entre os(as) brancos(as) o índice sobe para quase 37%.

A luta por políticas públicas e educacionais que possibilitem que educadores(as) conheçam e tratem sobre a prática diária da promoção da igualdade é uma bandeira permanente do Sindicato.

Leia a matéria na íntegra!

CLIQUE AQUI



8 de março é momento de refletir sobre o respeito à diversidade e sobre a luta pela vida de todas as mulheres

Na data em que celebramos a luta pela vida das mulheres, não podemos deixar de aprofundar o debate e praticar a interseccionalidade dentro do feminismo. A luta pela vida deve reconhecer também pessoas que são invisíveis aos olhos da sociedade patriarcal.

Por isso, com este material, convidamos todos e todas a celebrar não apenas o protagonismo feminino nas lutas, mas também à união de forças no enfrentamento às diferentes formas de violência de gênero que incidem sobre os corpos de pessoas LGBTI+.

No Paraná, a inclusão do nome social nos registros escolares internos do(a) aluno(a) é regulamentada pela Resolução nº 2.077, de 2015, da Procuradoria Geral de Justiça (PGJ). Também há a Orientação Pedagógica Nº 001/2010, que estabelece que alunos(as) transexuais e travestis têm o direito de ter o nome social respeitado.

Marianas, Carolinas, Jonas, Lúcias e Linas: todas as mulheres têm direito à vida, à educação, ao respeito, ao trabalho, a expressarem sua fé e seu amor. Ainda há um longo caminho a se percorrer no enfrentamento às violências de gênero, mas quando juntas, o trajeto fica mais fácil de ser percorrido.

Leia a matéria na íntegra!

CLIQUE AQUI

É pela vida das mulheres!

Uma das facetas mais trágicas que preocupa o feminismo são as violências que as mulheres sofrem por serem mulheres, sejam elas físicas, sexuais, morais, psicológicas ou patrimoniais.

DADOS:

211

FEMINICÍDIOS

43.038

CASOS DE VIOLÊNCIA FÍSICA

REGISTRADOS NO PARANÁ EM 2020



NO SUL, O PARANÁ
É O ESTADO COM
MAIS CASOS DE
VIOLÊNCIA CONTRA
AS MULHERES



8 MULHERES
POR MINUTO
FORAM AGREDIDAS
FISICAMENTE NO BRASIL
NA PANDEMIA



EM 7 A CADA 10
CASOS, O AUTOR
DA VIOLÊNCIA É UM
HOMEM CONHECIDO
DA VÍTIMA



53%

das vítimas dos casos
mais graves são mulheres
negras ou pardas



48%

dos abusos físicos
acontecem na casa
da vítima

Sinal Vermelho Contra a Violência!



Agora é lei. Mulheres vítimas ou ameaçadas de violência doméstica podem pedir socorro em locais de grande circulação por meio de um **sinal vermelho em forma de X feito na palma da mão com caneta ou batom**. A Lei 20595/2021 que institui o Programa de Cooperação e Código Sinal Vermelho como forma de pedido de socorro e ajuda às mulheres em situação de violência.

SOFREU MAUS-TRATOS OU TESTEMUNHOU UMA SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA?

Use estes canais para denunciar (pode ser de forma anônima) e ajude a salvar vidas!

180 - Central de Atendimento à Mulher

181 - Disque-Denúncia

153 - Patrulha Maria da Penha (disponível em capitais e algumas cidades; consulte a sua)

Delegacia da Mulher - Procure atendimento específico para o acolhimento de mulheres na sua cidade

190 - Polícia Militar

Debatendo o feminismo com um bocado de cultura

Separamos uma lista de filmes, séries, livros e podcasts que podem auxiliar no debate sobre o feminismo em sua escola, com familiares e amigos(as). As sinopses estão disponíveis no site. Confira!

Livros

CLIQUE NAS IMAGENS PARA SABER MAIS



Entrelaçando gênero e diversidade: enfoques para a educação

Lindamir Salete Casagrande e Nanci Stancki da Luz (Org.)
(2016)



Lugar de Fala: Feminismos Plurais

Djamila Ribeiro
(2019)



A guerra não tem rosto de mulher

Svetlana Alexijevich
(1985)



Heroínas Negras Brasileira em 15 Cordéis

Jarid Arraes
(2017)

Filmes e séries

CLIQUE NAS IMAGENS PARA SABER MAIS



Feministas: O Que Elas Estavam Pensando?

Johanna Demetrakas
(2018)



Maid

Molly Smith Metzler
(2021)



Nise - O Coração da Loucura

Roberto Berliner
(2015)

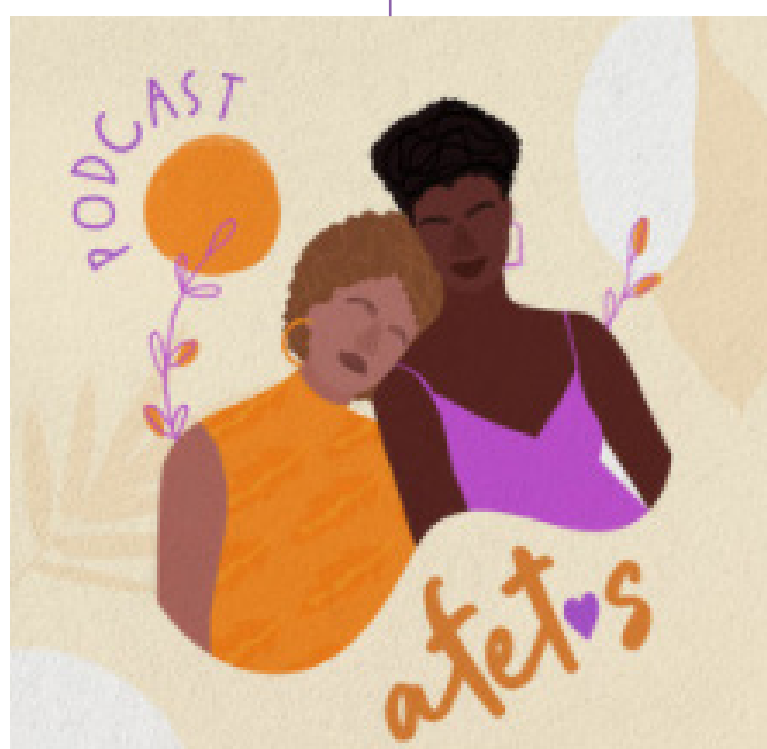


As sufragistas

Sarah Gavron
(2011)

Podcasts

CLIQUE NAS IMAGENS PARA SABER MAIS



Afetos

Com Gabi Oliveira e Karina Vieira



Imagina juntas

Com Jeska Grecco, Gus Lanzetta e Carol Rocha



Praia dos Ossos

Com Branca Vianna



appsindicato.org.br



APP–Sindicato



APPSindicatotv



@appsindicato



@appsindicato

EXPEDIENTE

APP-Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná - Filiada à CUT e à CNTE.

Av. Iguaçu, 880, Rebouças, Curitiba / PR - CEP 80.230-020

Tel.: (41) 2170-2500.

Site: www.appsindicato.org.br

E-mail: app@app.com.br

Presidente: Walkiria Olegário Mazeto

Secretário de Comunicação: Daniel Nascimento Matoso

Secretária Executiva de Comunicação: Cláudia Gruber

Jornalistas: Fabiane Burmester (4305-PR), João Paulo Nunes Vieira (11792-PR), Luis Lomba (99.667/92 - RJ), Luiz Damasceno (MTb 14325) e Uanilla Pivetta (8071-PR)

Diagramação: Rodrigo Romani

Edição de vídeos: Luan Pablo Romero de Souza.

Gestão APP Unida e Forte – Em Defesa da Escola Pública (2021-2025):

Walkiria Olegário Mazeto [Presidenta], Celso José dos Santos [Secretário Geral], Elio da Silva [Secretário de Finanças], Simone Regina Checchi [Secretária de Administração e Patrimônio], Sidineiva Gonçalves de Lima [Secretária de Organização], Maria Adelaide Mazza Correia [Secretária de Aposentados(as)], Márcia Aparecida de Oliveira Neves [Secretária de Assuntos Municipais], Antônio Marcos Rodrigues Gonçalves [Secretário Executivo de Assuntos Municipais], Vanda do Pilar Santos Bandeira Santana [Secretária Educacional], Nádia Aparecida Brixner [Secretária Executiva Educacional], Silvana Prestes Rodacoswiski [Secretária de Formação Política Sindical e Cultura], Cleiton Costa Denez [Secretário Executivo de Formação Política Sindical e Cultura], Daniel Nascimento Matoso [Secretário de Comunicação], Cláudia Gruber [Secretária Executiva de Comunicação], Ralph Charles Wendpap [Secretário de Sindicalizados(as)], Marlei Fernandes de Carvalho [Secretária de Assuntos Jurídicos], Taís Adams Gramowski [Secretária de Política Sindical], Jussara Aparecida Ribeiro [Secretária de Políticas Sociais e Direitos Humanos], Elizabete Eva Almeida Dantas [Secretária de Funcionários(as)], Margleyse Adriana dos Santos [Secretária da Mulher Trabalhadora e dos Direitos LGBTI+], Clau Lopes [Secretário Executivo da Mulher Trabalhadora e dos Direitos LGBTI+], Celina do Carmo da Silva Wotcoski [Secretária de Promoção de Igualdade Racial e Combate ao Racismo], Tereza de Fátima dos Santos Rodrigues Lemos [Secretária de Saúde e Previdência] e Nilton Aparecido Stein [Secretário Executivo de Saúde e Previdência].